

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

## **“OS MENINOS DO ORFANATO”: DENTRO DO ESPAÇO ESCOLAR\***

**Miranice Moreira da Silva<sup>1</sup>, Maíra Paniago<sup>2</sup>**

- 1- Graduanda do curso Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana- BA. E-mail: [miranice@terra.com.br](mailto:miranice@terra.com.br).
- 2- Professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana-BA

**PALAVRAS-CHAVES:** espaços escolares e sociais, inclusão e “meninos do orfanato”.

### **INTRODUÇÃO**

A escola de 1º grau Doutor Gamaliel, situada à Rua Adalgisa Borges, Parque Panorama, Bairro Tomba, atende a uma clientela de estudantes da 1ª à 8ª série do Ensino Fundamental, dividida por turnos; no matutino da 1ª à 5ª série, no vespertino da 6ª à 8ª série e no noturno 5ª/6ª e 7ª/8ª para jovens e adultos. Essa escola é conveniada a um Orfanato Evangélico, logo as crianças internadas estudam no Gamaliel, que é um prédio vizinho com entrada exclusiva para ligar as instituições.

O problema dessa relação é que essas crianças, internadas no Orfanato sofrem da síndrome dos “invisíveis”, quando não hostilizados. São denominados pela comunidade escolar de “os meninos do orfanato”. São visto por quase que a maioria como “os violentos”, “os sem afeto”. Esse tipo de atitude divide a escola em dois grupos: as crianças da rua (entenda crianças que tem família e não moram nas dependências do orfanato), e os “meninos do orfanato”. Isso reproduz e reafirma o preconceito contra crianças que por algum motivo não convivem com pessoas de vínculo sanguíneo.

### **MATERIAIS E MÉTODOS**

O estudo teve como base as observações da realidade abordada totalizando trinta horas, nas quais estabeleci diálogos com os sujeitos que compõem essa realidade: direção, professores, funcionários, e estudantes - tanto “os meninos do orfanato” quanto “os meninos da rua”. As longas conversas e a observação dos silêncios me ajudaram a perceber os conflitos sociais dentro da escola. Os sujeitos ao ingressarem na escola levam consigo a sua construção histórica, suas ideologias que compõem o espaço escolar.

Além da observação consulte também documentos da instituição; Projeto Político Pedagógico, Currículo a fim de comparar a realidade observada no cotidiano da instituição e o que se tinha pensado para realizar na escola. Essas fontes dialogadas com a minha observação me permitiram fazer uma leitura da instituição. Porém a metodologia de análise que optei não isola essa discussão nessa realidade, ela e permite abranger o debate para além dos muros da escola, de forma a tratar a instituição como um espaço político, social onde os conflitos são travados.

### **DISCUSSÕES E RESULTADOS**

As crianças que foram entregues às instituições públicas representam para o Estado uma responsabilidade de educá-las, geralmente as próprias instituições se responsabilizam por

---

\* Artigo elaborado sob orientação da professora Mayra Paniago, como uma das atividades avaliativas do semestre 2008.1

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

promover, de forma isolada, o processo de ensino/aprendizagem. Nesse caso específico, as crianças sob custódia são inseridas dentro de uma realidade convencional, de uma escola regular.

Em um primeiro momento isso pode parecer uma forma de inclusão social, pois coloca essas crianças dentro de uma escola regular. O problema é que esses estudantes não são vistos como comuns, eles deixam de ser crianças para serem simplificados como “os meninos do orfanato”. Isso não é uma coisa só da escola é da sociedade, pois as crianças vêm de uma realidade social própria, assim como os professores e funcionários. *“Nenhum fenômeno é indiferente ao contexto no qual se produz o currículo”*<sup>1</sup>. Essa discussão de currículo é pertinente à esse problema, pois a construção desse currículo tem que levar em consideração as especificidades da escola.

É nesse sentido que o currículo:

Precisa ser considerado não como mera ilusão, camada superficial da prática escolar de alunos e professores, mas como uma realidade social, historicamente específica, expressando relações de produção particulares entre pessoas<sup>2</sup>.

É importante nesse aspecto pensar não só as relações entre professores e estudantes, mas, mas toda uma gama de funcionários e pais que também fazem parte do processo de ensino/aprendizagem. O currículo não é apenas uma organização de conteúdos programáticos, ele corresponde uma trama cultural. Dessa forma o currículo também pode ser analisado como um meio através do qual uma cultura é representada e difundida.

O currículo dessa instituição não atende as especificidades dos estudantes do orfanato, suas especificidades não são atendidas. Na instituição eles são considerados os intrusos causadores da desordem, responsáveis pela violência, decorrente de uma idéia do seno comum de marginalizar crianças órfãs. O que não é trabalhado na sociedade e conseqüentemente na escola é que *“a criança de rua que o albergue recebe é a mesma que está rua ou com a família, apenas tem práticas sociais diferenciadas”*.<sup>3</sup>

A idéia de marginalizados na instituição continua excluindo esses sujeitos ao passo que a dinâmica escolar continua sendo pensada para uma realidade que não é a desses estudantes, com isso eles não vêm significado na escola, a não ser para re-significar esses espaço com um lugar de sociabilização. Isso justifica o fato da maioria dos meninos denominados como “os meninos do orfanato” estarem sempre fora da sala de aula.

Na realidade, o sistema educativo, sem ser o único, assume, à sua maneira, os conflitos sociais, dominado como está por interesses privados de manutenção de privilégios (...) e um processo de seleção baseado em méritos escolares, com uma dinâmica de discriminação. Isso explica sua segmentação interna que por meio de subsistemas de prestígio social<sup>4</sup>.

Nessa perspectiva, a escola, para essas crianças, funcionaria mais como um elemento para conter a criminalidade da rua, e não incluir esses sujeitos. A preocupação da justiça com

<sup>1</sup> SACRISTÁN, J. **O currículo, uma reflexão sobre a prática**. P.20.

<sup>2</sup> GOODSON, Ivon. **Currículo, teoria e história**. P.237.

<sup>3</sup> Cadernos de Antropologia. P. 9.

<sup>4</sup> GRACIANI, Maria Stela Santos. **Pedagogia Social de Rua**. P. 104

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

as crianças oriundas de famílias desregradas que podia ingressar na marginalidade, o que seria prejudicial à ordem pública e à moralidade dos costumes.

O papel da escola tem que ser contrário a essa lógica, “*desenvolver políticas de avaliação e práticas que evitem tal perigo e que ajudem a promover total acesso e práticas de experiências de aprendizagem oferecida por ela*”<sup>5</sup>. A escola é um espaço de socialização, que não pode de forma alguma se eximir do seu papel transformador, mesmo mediante a toda adversidade, ela tem que ajudar no processo na tomada de consciência.

Isso constitui uma tarefa difícil, pois os professores e funcionários também estão inseridos em quadros sociais, por isso que “*a tomada de consciência é fruto de um longo processo de construção da cidadania levando a cabo tanto no campo da produção teórica, como na luta para mover a mobilização coletiva.*”<sup>6</sup>. A desconstrução do mito dos “meninos do orfanato” só ocorrerá quando os próprios sujeitos, isso inclui pais, alunos, professores, funcionários e os próprios “meninos do orfanato” perceber que crianças têm especificidades, aí sim pode se falar de uma educação preocupada em incluir todos no processo de ensino/aprendizagem.

Dayrell afirma que o tratamento uniforme só comprova a segregação e a desigualdade “*a instituição escolar deveria buscar atender a todos da mesma forma (...) homogeneização do sujeito como aluno corresponde à homogeneização da instituição escolar*”<sup>7</sup>. Ao ver o espaço escolar como heterogêneo os sujeitos não mais dividirão a escola em “meninos do orfanato” e “menino de família”.

## REFERÊNCIAS

- CADERNOS DE ANTROPOLOGIA. *De criança a menor abandonado: a construção de uma categoria excluída*. Nº 12, 1994.
- DAYRELL, Juarez. *Múltiplos olhares sobre educação*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- GOODSON, Ivon F. *Currículo, teoria e história*. 6ª ed.2003.
- GRACIANI, Maria Stela Santo. *Pedagogia social de rua: uma análise e sistematização de uma experiência vivida*. Cortez: Instituto Paulo Freire. São Paulo, 1999.
- GUAZZELLI, Iara Regina Bocchese; RODRIGUES, Mirian Feminano; VIEIRA, Silvia Valeria. *Políticas de, para e com a juventude e sua incidência sobre o papel da escola*. Revista Unicsul. Educação e compromisso social. Ano 12, nº. 15, junho/2007.
- MITTLER, Peter. *Educação Inclusiva: contextos sociais*. Porto Alegre: Arned, 2003
- SACRISTÁN. J. Gimeno. *O currículo, uma reflexão sobre a Prática*. Porto Alegre: Art. Med,1998.

<sup>5</sup> MITTER, Peter. **Educação Inclusiva: contextos sociais**. P. 167.

<sup>6</sup> GUAZZELLI, RODRIGUES E VIEIRA, **Políticas de, para e com a juventude e sua incidência sobre o papel da escola**. P.21.

<sup>7</sup> DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. P. 139.